

2 A FORMAÇÃO DA JUVENTUDE E OS VALORES

Maria Nobre Damasceno

2.1 A elaboração de valores

Nesta parte do trabalho, adotamos os suportes de Habermas (1988), que propõe a categoria de mundo vivido, orientado pela racionalidade interativa ou ação comunicativa; de Thompson (1981) contribuindo com no conceito de experiência; e, ainda, de Wills (1991), ao desenvolver a noção de produção cultural subordinada, importante para entender a cultura de resistência dos jovens, constituída com base nas práticas cotidianas destes sujeitos.

O jovem na sociedade atual vive uma trama de relações sociais materiais que organizam a experiência cotidiana. Seja no plano pessoal, ou como agente social, esta tem a mesma força das relações desenvolvidas no âmbito do trabalho, podendo organizar a vida laboral.

Buscamos averiguar o modo como os jovens explicam os valores interiorizados na cultura vivida no seu cotidiano, focalizando as ações e as relações sociais que desenvolvem entre seus pares, com origem de duas perspectivas básicas: a do agir comunicativo, que se pauta pelo entendimento e se preocupa com a interação, a cooperação e as ações solidárias; e a do ação estratégica, marcada, pela manipulação, a violência física e, principalmente, simbólica.

O texto, portanto, orienta-se para o entendimento dos valores que dão suporte à sociabilidade dos jovens, expressa no contexto familiar e social, envolvendo principalmente a vivência familiar, o local onde moram, as organizações juvenis (grupos formais e informais), priorizando as ações e relações entre pares e não pares.

Concordando com Lefebvre (1991), dizemos que o exame do espaço-tempo da juventude nos revela formas e conteúdos de relações sociais, tendo clareza de que tais relações refletem, reproduzem e recriam diversos tipos de relações na sociedade mais ampla. Neste conjunto complexo, incluem-se relações de classe, gênero, etnia, a dinâmica das gerações e dos grupos. Neste ambiente, os jovens expressam elementos fundantes de seus valores e de sua cultura, que podem ser “entendidos como produto da sociabilidade juvenil, reveladora de forma peculiar de apropriação do espaço”. (SPÓSITO, 1994, p.167).

Deste fato decorre uma das premissas deste ensaio - o reconhecimento de que o espaço-tempo juvenil constitui-se num ambiente rico em interações, no qual ocorre um fervilhamento de ações e relações, principalmente entre os próprios jovens, caracterizadas como “relações entre pares e não pares”, manifestações da sua cultura da experiência vivida, de sua convivialidade. A investigação tem como um dos seus focos as ações e relações que se desenvolvem nos grupos formais e informais considerando as trocas de experiências.

Segundo a óptica de análise adotada, “o tempo da formação”, cumpre um importante papel do ponto de vista educativo, que, em última instância, é o principal objetivo da educação; posto que possibilita momentos ricos de trocas, de criação de relações, de fortalecimento das amizades, dos laços de solidariedade, das paqueras; enfim, quebra a rigidez e contribui para criar um

clima de leveza no grupo. Tal explicitação encontra suporte na elaboração de Giroux “a concepção de voz”, que, neste caso, significa tanto uma tradição partilhada como uma forma específica do discurso. Trata-se de uma tradição que deve ser organizada em torno de temas como solidariedade, luta e fortalecimento, a fim de fornecer as condições para que as especificidades da “voz” do jovem ganhe maior força emancipatória” (GIROUX, 1986, p.101).

Nessa reflexão focada na formação da juventude, notadamente no plano dos valores sociais, julgamos oportuno destacar dois aspectos relevantes: primeiro, trata-se de um ambiente rico em fenômenos relacionais, que, dependendo do modo como ocorrem, pode apresentar um clima amistoso ou conflituoso entre seus componentes; segundo, é preciso intuir que cada grupo tem características singulares, tendo em vista que o modo como se formou, se voluntariamente ou com orientação de agentes externos.

Nos grupos formalizados, os educadores procuram levar o jovem a compreender, a aceitar e valorizar a participação do colega, mostrando ser dessa forma que há progresso, enfim, estimulando o diálogo, as trocas de ideias, visando ao amadurecimento do grupo, para que, por via da amizade, possa haver um progresso mútuo, reforçando as experiências da comunidade, como enfatiza um participante - “eu sempre acho que através do diálogo o jovem fica mais consciente”.

A reflexão desenvolvida aponta em primeiro lugar para os valores no plano social, entendendo-os como um conjunto de princípios ou regras de conduta, necessários à convivência social. De acordo com La Taille (2004), nessa reflexão, devemos nos questionar o modo de agir, o que implica direitos e deveres imprescindíveis para uma convivência social adequada ou uma “vida boa”.

Os valores podem ser definidos como princípios orientadores da vida que têm uma relativa centralidade na estrutura da personalidade e que, de certa forma, atuam como mediadores da ação. Por outro lado, é relevante realçar a formulação dos valores: estes, mais do que uma escolha se apresentam - como uma construção constante e acompanham toda a vida das pessoas. Em relação aos jovens, isto significa que mais do que definir quais são os seus valores, considerando-os fixos, imutáveis, importa compreender o modo como elaboram os seus valores, isto é, com arrimo em fontes, em que referências e em que contextos.

Partimos da perspectiva de que a formulação e a legitimação desses valores devem ser feitas essencialmente pela família, pois os comportamentos e ideias aí praticados servem de referência para crianças e adolescentes. Torna-se urgente refletir na educação que está sendo oferecida às crianças e jovens, o meio familiar em que elas estão interagindo, a escola, os amigos, a televisão etc. Não é apenas um ou outro fator isolado (família, traços de personalidade, escola, amigos etc.) mas o conjunto deles que contribui nesse processo; é a interação do sujeito com esses fatores (meio), pois vai, aos poucos, estabelecendo seus valores morais. A moralidade, portanto, é elaborada, não vem pronta. Uma criança aprende o que vive e se torna o que experimenta.

Piaget nos mostra que o sujeito tem papel ativo no estabelecimento dos valores, das normas de conduta. Há uma interação, isto é, um caminho de ida e volta, com o indivíduo atuando sobre o meio e o meio sobre ele, e não simplesmente a internalização pura desse ambiente. A pessoa é ativa na construção de seu desenvolvimento.

Tais valores não são transmitidos diretamente, pois não se pode ensinar um sujeito a ser honesto, justo ou a respeitar o outro, com sermões, histórias ou “lições de moral”. A criança

irá construir sua moralidade (sentimentos, crenças, juízos, respeito ao outro etc.) com suporte em interação com as inúmeras e cotidianas experiências que tem com as pessoas e situações. A formulação de valores necessita de que o indivíduo tenha a possibilidade de interagir com situações em que a honestidade, justiça ou o respeito estão presentes de fato. É necessária a existência de normas ao nos relacionar com os outros. O importante, não são as normas em si, mas as razões pelas quais seguimos. É comum, nas situações em que a criança mente, agride, furta, desrespeita, não compartilha algo ou é mal educada, que o adulto a ensine acerca da importância de não cometer tais atos. A questão é como o adulto o faz. Para a criança cumprir normas, é preciso empregar procedimentos coerentes. É necessário associar a regra moral às consequências do não cumprimento desta, explicando à criança que está mentindo o por que não se pode acreditar no que ela está dizendo e que, na relação entre as pessoas, quando uma delas começa a dizer coisas não verdadeiras, ou que o outro vai deixar de confiar nela. Deste modo, a criança vai aprendendo sobre a necessidade de existirem normas que gerenciem as relações entre as pessoas, legitimando-as.

O que favorece o desenvolvimento da autonomia moral são as relações estabelecidas pela criança no ambiente em que vive se as relações são autoritárias ou cooperativas. Autonomia não é o mesmo que individualismo, ou liberdade para fazer o que queremos, significa coordenar os diferentes fatores relevantes, para decidir agir da melhor maneira para todos os envolvidos, levando em consideração, ao tomar decisões, os direitos, o ponto de vista do outro. Quer dizer, não pode haver moralidade ou sociabilidade quando se leva em conta apenas o próprio ponto de vista. Quando uma pessoa considera os pontos de vista das outras, não está mais livre para mentir, quebrar promessas e ser leviano.

A elaboração de valores concernentes ao *respeito ao próximo* tanto, no que concerne à criança quanto ao jovem, deve ocorrer em primeiro lugar no espaço familiar, pois as novas gerações precisam vivenciar isso, primeiramente a pessoa sendo tratada com respeito, isto é, perceber que suas idéias, sentimentos e opiniões sejam valorizados. É relevante também que aprendam a levar em conta os sentimentos e ideias dos outros. Vale destacar, ainda, que à pessoa a quem a criança e o jovem respeitam e admiram tem um enorme peso na construção de seus valores de seu comportamento, pois eles a imitarão.

Piaget mostra que a criança nasce na anomia, isto é, há uma ausência total de regras, leis. O bebê não sabe o que deve ou não ser feito, muito menos as regras da sociedade. Mais tarde, ao interagir basicamente com a família, a criança começa a perceber a si mesma e aos outros, notando também haver coisas que podem ou não ser feitas, se tornando heterônoma, ou seja, governada e dirigida pelos adultos. Na heteronomia, a criança já sabe que há coisas certas e erradas, mas os adultos é que as definem, isto é, as regras emanam dos mais velhos, naturalmente governada pelos outros, considerando que o certo é obedecer, que o papai (ou outro adulto qualquer que respeite) é aquele que sabe mais, o mais inteligente. E, devido a isso ela necessita das regras e referências dos mais velhos, para sentir-se protegida, segura, amada, e aprender a escolher e priorizar suas vontades. Elas precisam desses limites estabelecidos claramente quando pequenas, para que, mais tarde, possam aos poucos, constituir suas próprias regras, fazer acordos, aprender a negociar e fazer contratos. De La Taille (2004), explica que, no início, a origem da moralidade está na relação da criança com seus pais. As crianças temem a perda do amor, da proteção, da confiança das pessoas que a amam.

Em suma, os pais que deixam os filhos fazerem o que querem, estão fugindo de suas responsabilidades, sendo omissos, podendo gerar adultos inseguros, que têm dificuldades de lidar com frustrações, instáveis emocionalmente, impulsivos, voluntariosos, que perdem a capacidade de gratidão ou de modéstia (como se o que os pais fazem por eles fosse uma obrigação), não possuem respeito pelos outros, demonstram dificuldades em assumir responsabilidades e também exibem a perda do sentido do valor à vida (o que pode resultar em envolvimento com álcool, drogas e atitudes violentas e agressivas). O ambiente educacional pode ser democrático, com direitos e deveres. As regras são necessárias para o convívio social, pois ninguém é livre para fazer o que quer. Desde cedo, a criança precisa ir aprendendo as normas de convivência: ser educado, saber como se comportar nas diferentes situações, usar expressões de cortesia, saber aguardar sua vez, não bater ou agredir, tratar os outros como gostaria de ser tratado etc. A educação democrática é aquela em que os pais dialogam, incentivam as crianças a expressarem suas opiniões sobre alguns aspectos que as afetam e demonstram um maior equilíbrio entre os limites direitos e deveres, tentando chegar a um consenso do que é melhor para todos.

Portanto, é preciso compreender que a disciplina é o ponto para o qual convergem a autoridade e a liberdade. A criança disciplinada não é aquela treinada para obedecer, mas sim a que sabe o porquê de agir ou não de determinada maneira de acordo com a situação, pautando suas ações em valores morais, independentemente da presença ou não do adulto. Para tanto, é preciso que a criança e o jovem tenham a oportunidade de participar da elaboração das regras, que possam discutir e estabelecer relações. De La Taille (ob. cit) afirma que o sujeito deve legitimar as regras morais que garantam a ele e ao outro o respeito de si.

2.2. Os jovens e a prática de valores

A forma de organização e desenvolvimento da pesquisa tem como eixo principal a ação formadora da família de dos grupos sociais juvenis na constituição de valores e o papel dessas instâncias na formação de sujeitos, e se desdobra nas categorias temáticas: *amizade, solidariedade, exercício da cidadania, participação social, o valor do trabalho para os jovens*. Conforme esclarecemos na descrição da metodologia da investigação, os dados aqui apresentados são frutos da pesquisa de campo realizada junto às organizações juvenis, tanto da periferia urbana quanto de assentamentos rurais.

Preliminarmente à discussão dos valores no segmento juvenil, é importante chamar atenção, mais vez, para as mudanças significativas que ocorrem na passagem da infância para a juventude: além das transformações físicas iniciadas na puberdade, o jovem passa a conhecer novas capacidades ao nível do seu raciocínio e a sentir cada vez mais a importância da sua interação com o outro e principalmente a necessidade da convivência grupal, do apoio do grupo em suas decisões. É preciso considerar também que ao contrário da criança, centrada na relação consigo e com os adultos mais próximos, o jovem observa à sua volta e começa a ver quem poderá ser e a fazer escolhas, iniciando o processo de decisão autônoma que se consolidará na idade adulta. A juventude caracteriza-se por esta capacidade de abstração, consolidada pouco a pouco, e que permite a reflexão sobre questões relativas aos valores, pela primeira vez uma análise um pouco fora dos interesses imediatos do sujeito.

Desse modo, como passamos a demonstrar, o grupo de amigos da escola ou da vizinhança, bem como das organizações juvenis, passam a ter grande importância na consolidação dos

valores dos jovens. A família, contudo, continua a ser essencial e vai permitir (ou não) um ambiente de apoio afetivo que possibilite a síntese das diversas influências recebidas e contribua para que o adolescente seja capaz de pensar por si e estar atento ao outro, ao seu lado. Os jovens de hoje têm valores, tanto mais sólidos quanto mais os adultos e os grupos de iguais os ajudarem a promover mediante as práticas educativas e a convivência grupal. Os valores juvenis estão muitas vezes relacionados com as necessidades de desenvolvimento, como é o caso das afirmações juvenis sobre a liberdade, a autonomia e a amizade, mas encontramos entre os jovens valores como a solidariedade, a lealdade, a sinceridade, dentre outros.

- O valor da amizade.

Durante a etapa de pesquisa de campo, procuraremos trabalhar com os jovens usando técnicas de dinâmica de grupo, dramatização e teatro-debate, visando a obter as razões e motivos que explicam fatos, condutas e atitudes observadas - principalmente relacionadas com os temas ajuda aos amigos e a postura fase aos problemas que afetam os jovens na atualidade. As opiniões foram categorizadas em formas de ajuda, amizade e solidariedade.

Logo nas primeiras observações, notamos uma tendência à cooperação entre os jovens (tanto do meio rural quanto do urbano), em que àqueles que com melhor domínio sobre um assunto procuram auxiliar os pares. Tal constatação está em concordância com estudos realizados junto aos jovens de grupos populares urbanos do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde não se evidencia o primado do individualismo moderno, como ocorre nas sociedades industriais mais avançadas (ZALUAR, 1985, SPÓSITO, 1994).

Julgamos este um importante valor em qualquer prática educativa. Constatou-se que esse companheirismo contém alguns aspectos diferentes, em função das mudanças de ordem psicológica e cultural que ocorrem entre os adolescentes e jovens, lembradas anteriormente. Os próprios investigados lembram que no início da adolescência - “as meninas são mais unidas, os meninos são mais desunidos, eles gostam mais de arengar”. (Gr Assentamento).

Procedendo à análise de conteúdo do discurso dos jovens que se posicionaram favoráveis à colaboração com os pais, identificamos alguns tipos principais de motivos que justificam a atitude de ajuda. Estas razões são as seguintes: trocas entre colegas; reconhecem que alguns precisam ser ajudados; amizade e afinidade; gostam de ajudar, sentem prazer; contribuem para o crescimento da pessoa.

O primeiro argumento para que essa cooperação se efetive decorre da necessidade das trocas entre eles, conforme expressa a opinião: “quando um ajuda o outro ele aprende mais, e também, caso venha ter dificuldade aquele colega, ou um outro vai se lembrar e ajudar ele também. É a gente tem que ajudar para ser ajudado.”.

Por parte da juventude, há clareza no que diz respeito àqueles amigos que estão em dificuldade para vencer as exigências do cotidiano e devem receber a ajuda - se o cara tem amigo, vai pedir ajuda ao amigo dele, e ele se for amigo mesmo, ajuda. (Gr Periferia).

Sobressai, portanto, como justificativa, a amizade, prevalecendo a ideia de que, se o amigo precisa, deve ser ajudado - “ajudo porque somos amigos, estamos no mesmo barco, a gente deve se ajudar!”. Eles assinalam que essa colaboração pode auxiliar na escolha das companhias, “porque se ele fica na gandaia, no meio dos outros, e estes são má influência, ele vai se prejudicar”.

Dentre as razões apresentadas existe àquelas que defendem ser a ajuda um ato altruísta, portanto, trata-se de uma ação desinteressada realizada pelo prazer de colaborar - eu ajudo porque me sinto bem, eu gosto de ajudar, mesmo que seja um cara que faz bagunça, mas tem que ser ajudado, é com muito prazer que ajuda os outros.

Por outro lado, percebem que, mediante a ajuda mútua, os que têm dificuldades podem crescer intelectualmente, e como pessoa, porque ele está recebendo o apoio do outro e quer se interessar mais. Enxergam que este incentivo é fundamental como elemento educativo - porque a gente dando uma força ele vai ter mais responsabilidade, mais interesse. É muito importante porque ele vai aprendendo a ajudar os outros.

- A sociabilidade juvenil como valor.

Quando demandamos a contribuição dos valores, condutas e atitudes dos jovens, no que concerne à ajuda aos amigos, percebemos que estas se realizam principalmente mediante as ações solidárias que expressam colaboração e companheirismo.

Portanto, faz-se necessária a reflexão de uma perspectiva crítica, cujo pressuposto basilar é a valorização da vida, sobretudo por via da dimensão pessoal-afetiva; do reconhecimento de valores pessoais, sociais e espirituais; do resgate da autoestima onde, o amor, o diálogo e a formação do espírito crítico do ser humano conduzem à liberdade com responsabilidade. Tal abordagem procura ver o jovem pelo processo de educação do ser humano integral, a fim de que suas tomadas de decisões pessoais e sociais sejam fruto de uma atitude assumida na qual a essência maior seja amar a vida. A ação educativa aqui é "entendida como um agir com os outros, ao modo de uma ação comunicativa, baseada

na colaboração e cooperação entre as partes envolvidas” (BOUFLEUER, 1997:80)

Convém ter claro o sentido de que, de um modo geral, o adolescente e o jovem, ao contrário da criança, são irresistivelmente impelidos para a vivência grupal. Isto ocorre, basicamente, por duas razões - por um lado, ele se encontra em luta contra a influência que considera “retrógrada” do meio familiar e, por outro, a busca pela autonomia - daí a necessidade de o jovem procurar apoio no grupo.

Dessa forma, a participação em organizações sociais juvenis e a função formativa que ocorre neste espaço-tempo se revelam de fundamental importância para os jovens, tendo em vista que é, ao nível do grupo social, que os indivíduos se identificam pelas formas próprias de vivenciar e interpretar as relações e contradições, entre si e com a sociedade, o que produz uma cultura própria. É neste espaço de iguais que os jovens percebem as relações em que estão imersos, se apropriam dos significados que se lhes oferecem e os reelaboram, sob a limitação das condições dadas, formando, assim, sua consciência individual e coletiva.

A procura pela liberdade/autonomia, nesse período crítico de transição entre a infância e a idade adulta, constitui necessidade essencial, traduzida frequentemente no espírito de oposição ou de revolta. Portanto, nesta circunstância, tende o adolescente a investir no grupo e a se expressar por meio deste. Na realidade, subjacente ao grupo, protegido pela agressividade e ou solidariedade dos companheiros, o adolescente elabora penosamente sua autonomia.

Conforme elaboração de Fau (1968) isso ocorre em todos os domínios:

A autonomia intelectual de início, pois deve libertar-se inteiramente de seu realismo infantil e aprender a julgar as coisas e as pessoas por critérios objetivos; autonomia moral em seguida, desde que deve, agora, julgar o bem e o mal diante de seu tribunal interior, apenas diante de si, sem temer um castigo nem esperar uma recompensa; autonomia afetiva afinal, uma vez que deve, paralelamente à sua evolução sexual, orientar sua afetividade para o futuro, libertando-a por completo dos laços familiares da infância. Se é verdade que a existência do homem é inteiramente consagrada à construção dessa autonomia, que não será concluída até seu último dia, é verdade também que é durante a adolescência que ele realizará sua essência. É na procura de sua autonomia interior, independente das circunstâncias, que o adolescente percebe a necessidade imperiosa de se agregar a um grupo. O adolescente pede ao grupo para ajudá-lo a atingir sua autonomia (p. 44).

Desse modo, é válido concluir que, ao menos sob o ponto de vista pedagógico, a convivialidade grupal é elemento necessário na formação dos jovens, um fato fundamental, condição *sine qua non* no desenvolvimento da personalidade, e principalmente, da sociabilidade juvenil. O que se observa no cotidiano de muitas práticas educativas é o esforço para negação dessa rica diversidade. Afinal, só se terá que codificar uma diversidade necessária. Portanto, quer no plano pedagógico, como na esfera extrapedagógica, a sociabilidade da juventude, embora fragmentária e limitativa, responde à exigência fundamental da individualização e da autonomia.

É preciso ter claro, também, o fato de que a ação dos grupos extraescolares se fará sentir na evolução da personalidade do adolescente, não resultará no mesmo adulto, tenha ele vivido só ou com o apoio de um grupo. Afinal, e desde antes da adolescência, o acabamento da personalidade é suficiente para permitir pensar o mundo exterior e, em conseqüência, adaptar-se sozinho a ele. Essa adaptação sem dúvida, é difícil, porém a experiência prova que esta é básica para o amadurecimento da personalidade.

Há fundamento, portanto, em dizer que o grupo de adolescentes, da perspectiva pedagógica, constitui necessidade no processo de construção da sociabilidade do jovem.

Por fim, o grupo de jovens mostra a última característica verdadeiramente específica: representa a expressão “norma” da agressividade e ou da solidariedade do jovem, pois, se a conduta individualista é característica na criança, no adolescente predomina a procura pela vivência grupal. Tal convivência é essencial para absorver a agressividade individual e o crescimento de seus membros, assim, as ações grupais, por seu dinamismo constitui elemento basilar na socialização da juventude.

Esta reflexão pretendeu mostrar a necessidade crucial de mudança na atitude dos educadores, pois, conforme se constata nas pesquisas, a prática pedagógica, neste caso se caracteriza “como um agir sobre os outros, ao modo de uma ação estratégica de influência e de manipulação” (BOUFLEUER, 1997, p.80). Por esta conduta, alguns tendem a negar a subjetividade dos educandos e suas potencialidades, tornando as aulas monótonas, sem criatividade e desinteressantes.

É no grupo que os jovens se identificam uns com os outros, por intermédio de suas igualdades e diferenças - as novas formas de sociabilidade que se gestam entre os jovens, moradores dos bairros periféricos das grandes cidades, nascem principalmente da socialização do mundo da rua (...) onde desenvolvem relações de amizade e lazer. (SPÓSITO, 1993, p.161). Tal perspectiva aparece de forma clara na falas a seguir: então a pastoral da juventude está trazendo atividades, justamente para orientar este pessoal que passa o dia em casa assistindo televisão, enfim que passam o dia “sem fazer nada”. (GR Periferia1), ponto de vista reforçado por outro grupo – “Lazer! É mais aqui quando eu tô com

o pessoal; eu acho assim, quando tem seminário do movimento, pra mim eu acho lazer”. (GR Periferia).

A convivência grupal é tão importante que os jovens preenchem seus tempos em favor do grupo, realizam reuniões, seminários, oficinas de dança, teatro, ensaios de bandas etc. Através destes eventos, se apropriam do espaço, pois, no tempo coletivo estruturam seu cotidiano e compartilham reivindicações por melhores opções de lazer - no esporte, na religião, na música, na dança e na arte. Enfim, nos grupos preenchem a maior parte do seu tempo, dedicando-se às atividades destes, onde estabelecem horários para reuniões, debates, seminários, ensaios, estudos bíblicos.

Outro contexto importante na constituição e convivialidade dos grupos juvenis, especialmente do sexo masculino, é representado pela rua, cabendo lembrar que, até as primeiras décadas do século XX, a rua era identificada, principalmente, como lugar destinado ao homem, que deveria sair para trazer o sustento, o tradicional provedor do lar; também servindo para diversão e lazer. Ao contrário, para a mulher, eram determinados o espaço da casa, os salões, as salas de visita, a cozinha. Como menciona Da Matta - “o interior das casas, reservado às mulheres, é um santuário” (IBIDEM).

Portanto, a casa tinha o sentido de espaço sagrado e normativo, enquanto a rua era o lugar de arruaça. Muitas vezes, ouvimos expressões dramáticas, como enfatiza Da Matta, “vá para o olho da rua!”, “já pra a rua!”, “estou ou fiquei na rua da amargura” São metáforas e símbolos em que a casa é contrastada com a rua. É porque vivemos de fato “entre” e na “passagem” de um grupo social para o outro que podemos sentir o tempo como algo concreto e a transformação do espaço como um elemento socialmente importante (DA MATTA, 1985, p.46) Resta, constatado, desta

maneira, que os espaços e tempos estão passíveis de mudanças.

Constatamos, relacionando com as falas juvenis, é que a rua ganhou outro enfoque, marcado pela conotação de moradia, autonomia, liberdade e lazer. O espaço da rua constitui palco de nova dinâmica social, pois os jovens, sobretudo os residentes na periferia, se apropriam, especialmente, das localizações mais centrais, como as praças e ruas principais, para marcarem presença no cenário social. Isto significa, uma maneira de identificação como um grupo social, diferente do “mundo da casa”.

Conforme elaboração de Spósito - *parte do tempo livre entre a escola e o trabalho é gasta em uma área nas ruas que se torna o “pedaço”*. (1994, p.169). Este revela uma apropriação peculiar do espaço urbano diferente do mundo da casa.

Na verdade, rua e casa se reproduzem, visto que há espaços na rua que podem ser fechados ou apropriados por um grupo, categoria social ou pessoas, tornando-se “*casa*”, ou seu “*ponto*”. (DA MATTA, 1965, p.61) Com isso, podemos fazer uma nítida relação com os sujeitos investigados, pois encontramos um grupo de RAP que utiliza o espaço da casa de um deles para os encontros, reuniões e ensaios. Inclusive fomos recebidas nesse espaço, com a autorização da família, que por vezes também participou das discussões promovidas na ocasião.

Verificamos que, como a rua, atualmente, é também um lugar de perigo, conflitos e violência, manter os jovens em casa significa uma prevenção contra possíveis contratempos, aliás muito frequentes. Portanto, a rua tanto pode se transformar em “*casa*”, quando os grupos assim o determinam, como a casa também pode ser apropriada com as conotações de rua. É notável, no entanto, o fato de que a rua constitui o principal meio de se expressarem feitos categoria social. Como exemplo, temos a

praça, que ainda representa o espaço onde os jovens podem namorar, dançar, praticar algum esporte, conversar e reunir o grupo trocarem ideias.

O espaço da rua fornece afirmação da cultura juvenil e possibilidades de lazer, onde se tem espaço livre, o que não pode ser encontrado nas instituições particulares. O lazer, também, assume forma de ocuparem o tempo e de não estarem ociosos, e assim não se envolvem com coisas indevidas, como drogas, o que se expressa nesta fala:

Eu acho que o jovem gosta de brincar, de se divertir e aqui tem muito pouco isso, ele tem a necessidade de ter isso aqui, e hoje não tem lazer... não tem praça. O único canto pro futebol, que era pra molecada brincar, foi privado. Resumindo a gente não tem lazer. A partir do momento que uma área não tem lazer a rapaziada tem que se ocupar com outra coisa. Porque se não tem lazer e não tem como tu ocupar teu tempo, conseqüentemente... Coisa boa é que não vai fazer. O lazer hoje é mais a gente curtir um rap. Ficar em casa ouvindo rap ou mesmo dançar a noite. (GR Periferia).

Assim, a rua se inscreve na sociabilidade urbana – “as instituições que recobrem as formas de sociabilidade juvenil, de sua mudança e crise, adquirem um relevo fundamental às dimensões socializadoras do mundo da rua”. (SPÓSITO, 1993, p.166).

Os jovens manifestaram preocupação em aprender atividades culturais como teatro, músicas e dança, mas ressaltam: *que condizem com a nossa realidade*. Eles falam das dificuldades de espaço e de dinheiro para colocar todos esses elementos a disposição dos jovens. Nessa perspectiva, o lazer está relacionado a condição social, pois falam das diferenças sociais e da necessidade de oportunidades de desenvolver capacidades e da falta de espaços para o jovem da periferia.... *a quadra da praça é um único espaço e tem horários e atividades bem definidos que precisam ser abertos à discussão. Resumindo o que falta é a motivação, depois o espaço e evidentemente, o dinheiro para colocar a*

disposição estas atividades ao jovem da comunidade. (GR Periferia).

- Atitudes de solidariedade, valor primordial

Quando procuramos apreender os sonhos juvenis em termos de realização coletiva, eles destacaram a *luta por uma sociedade mais justa e igualitária*. A beleza da utopia juvenil aparece de forma clara, pura, bem delineada, completa, rica em profundidade e em detalhes, na fala a seguir: *o meu sonho é gravar o disco dos malucos aqui vender e ter dinheiro para gente ajudar outros grupos de rua e criar uma economia solidária na periferia, independente do sistema. Botar uma borracharia para botar os malucos que não tem mais como voltar para escola para “trampar”, botar um lavador de carro pros doido que não tem mais espaço na escola, tentar levar o dinheiro de uma forma digna e honesta. O meu sonho é esse é tentar terminar meus estudos por que eu sei que só o rap não vai servir. Mas, se for só pelo sonho, se não tiver tempo de estudar deixa quieto. Todo mundo tem um sonho né cara, eu faço rap não é só por causa da música, não é só por causa do boné, da calça larga, do tênis. É muito mais do que isso sabe como é que é? Eu sou um cara pobre e hoje eu tô aqui, meu sonho é viver bem, todo mundo quer viver bem viver com amor, com a família, com os parceiros. (Gr Periferia).*

Convém realçar que essa utopia é repleta e tem respaldo na *solidariedade*. Uma parcela considerável põe em relevo a ocasião de que, se o jovem quer um país melhor, não deve olhar somente para si, e sim, para aquelas pessoas que, precisam de ajuda. E reafirmam: *é ajudando uns aos outros que a gente pode construir um país melhor e podemos mostrar também para aqueles que governam nosso país que aquelas pessoas que passam fome, dormem na rua, que não tem afeto de ninguém, que não tem um olhar amigo de ninguém, eles também podem ajudar essas pessoas. (Gr Assentamento).*

Outros reforçam a opinião de que a luta por um *mundo melhor*, requer que os jovens reflitam sobre o que querem realizar

- *mais paz, mais amor e respeito, um mundo sem drogas, construir uma vida mais humana, mais digna.* O sonho de uma vida digna não é apenas dos jovens e sim de todas as pessoas, *pois quando ajudamos os que precisam é como se um pouco desse sonho estivesse começando a se realizar*, o ser humano sente prazer em ajudar. Ao ajudarmos alguém, estamos contribuindo para começar a se realizar a vida digna, porque ninguém merece está passar fome, vir ao mundo para viver sofrendo, principalmente uma criança: *machuca ver uma criança passar fome.* Então, quando colaboramos, seja dando alimento, oferecendo carinho, contribuímos para que esse sonho se realize.

Uma descoberta interessante obtida nesta investigação que, embora não seja totalmente original muito nos surpreendeu, diz respeito à clareza de que os jovens “pós-modernos” estão buscando outros caminhos para fazer política. O contato com as organizações juvenis (grupos religiosos e culturais), especialmente com o Movimento Hip Hop e atividades ligadas às igrejas, mostra que os integrantes destes agrupamentos procuram estudar, possuem informações acerca da política e preocupam-se com a adequação destas à realidade cotidiana. É o que evidencia a fala a seguir: *os caras ainda tão perguntado se o socialismo exista na periferia? O socialismo não é igualdade, solidariedade e justiça? A gente aqui procura construir movimentos com esses valores, não é ficar falando que tem que ser assim, tem que ser assado, tem que descer para a ação.* (Gr Periferia).

Nesta moldura cuja marca maior é a solidariedade, é possível compreender melhor a participação de nossos sujeitos em organizações sociais juvenis. Em relação a esse engajamento, embora não seja compartilhado pela maioria, julgamos altamente relevante constatar que cerca de um terço dos jovens estejam envolvidos em grupos juvenis formais que se reúnem e realizam atividades regulares. Essa participação é qualificada do seguin-

te modo: grupos sociais e religiosos (23,5%); grupos culturais (41%), dentro desta categoria, destacando-se música (35,5%), teatro (18%), bandas (15%). Fica evidente, portanto, que a experiência mais positiva de sociabilidade ocorre naqueles ambientes onde há estímulo à participação, notadamente nos agrupamentos tipicamente juvenis.

Os dados da pesquisa permitem concluir que a alardeada passividade dos jovens ocorre apenas na aparência, depende da forma como os estudos enfocam a questão, pois, embora a participação direta em partido político e no movimento estudantil seja reduzida, os jovens investigados estão descobrindo formas de fazer política haja vista que mais de um terço (31,6%) participa regularmente de organizações sociais juvenis. Além da busca dos ideais e utopias juvenis o significado dessa participação grupal expressa necessidade de fazer amigos (67,3%); sentir-se bem (61%); divertir-se (52,7%); sentir-se útil (44,2%).

A maioria (78,7%) considera a amizade altamente importante. Por ordem de relevância, destacam que amigo é fundamental em sua vida para: bater papos, trocar ideias, desabafar, compartilhar as horas de alegria e de tristeza, dar conselhos, ajudar no crescimento, aprendizagem, para sentir bem, ser feliz, sair, divertir-se, ajuda a acabar com a solidão, dar apoio.

Também ressaltam as características de um amigo - em primeiro plano, aparecem qualidades como sinceridade, fidelidade, companheirismo, compreensão, lealdade, confiança e ser verdadeiro. O sentido da amizade ocupa posição tão central no cotidiano de nossos atores, que estes, ao opinarem sobre o que mais gostam no lugar onde moram, aparecem em primeiro lugar os amigos (64,7%), vindo a seguir a solidariedade entre as pessoas (31,8%).

Tais resultados, a nosso ver, evidenciam que os jovens, ao seu modo, estão reagindo ao processo que Guatarri (1996) chama

de “modelização”. O autor considera que há uma produção da subjetividade ampla em escala mundial, de base capitalística, que se caracteriza pela produção serializada a que são submetidos as pessoas, desde a mais tenra idade. Vale destacar a ideia de que o sistema capitalista produz não apenas o controle das relações sociais, mas também a produção da subjetividade, o que significa uma “modelização” nos modos de percepção, sensibilidade, linguagem, memória, relações sociais.

Outra importante contribuição nesta linha de análise é fornecida por Dubet (1994), que opera a noção de *experiência social*, cujos estudos privilegiam o resgate da individualidade e da identidade do sujeito, revelando que o agente constrói a sociedade no cotidiano, não sendo apenas um indivíduo que realiza o sistema.

O autor em pauta enfatiza que os estudos contemporâneos mostram como as ações do indivíduo não são reduzidas às exigências do mundo sistêmico; na verdade, estes atuam como atores que fazem a sociedade nas trocas cotidianas, nas práticas de linguagem, no apelo à identidade; conserva-se “uma distância subjetiva entre o ator e o sistema”. (DUBET, 1994:14). Tal entendimento significa uma superação da concepção fundada na racionalidade instrumental. Reaver a individualidade e a identidade no entendimento da ação ao mesmo tempo, que preserva a autenticidade da experiência subjetiva e dos saberes que a sustentam, mantém o elo com o coletivo e o social. A ação é vista como conhecimento, interação, linguagem e estratégia, cabe destacar que na noção de experiência social, os atores devem gerenciar ao mesmo tempo muitas lógicas e racionalidades de ação num sistema social marcado por diversas lógicas. Não havendo razão única e fundamental como referência de conduta, a experiência social “gera necessariamente uma atividade dos indivíduos, uma capacidade crítica e uma distância de si mesmos” (DUBET, 1994, p.92).

- *O trabalho enquanto valor social.*

Neste item a discussão é focada no trabalho como valor. Entendemos relevante essa reflexão, em virtude da importância dessa temática na sociabilidade contemporânea.

No tocante ao *valor do trabalho* para os jovens, se investigamos como estes percebem e explicam *suas relações com mundo do trabalho*.

Passamos a analisar as percepções dos jovens sobre o *trabalho* enquanto um *valor*. As opiniões dos investigados estão organizadas por ordem de importância e foram obtidas mediante o emprego dos vários procedimentos metodológicos descritos em passagem anterior deste texto.

- *O trabalho é a sobrevivência, aprender a ser responsável, ser disciplinado*

Para os sujeitos investigados, a atividade laborativa é vista principalmente como meio para garantir a *sobrevivência*, instrumento necessário e útil para adquirir a disciplina exigida para a adaptação ao mundo do trabalho. Na opinião dos jovens, *o trabalho é muito importante, mas quem trabalha sabe como sofre, sabe o tanto que passa. Eu já trabalhei, eu vendia jornal, e muitas vezes era humilhado* (Gr. Periferia2). Outro destaca o argumento de que não gosta de trabalhar precisa ter um trabalho, porque precisa garantir a sobrevivência - *as pessoas que não gostam têm que trabalhar para poder conseguir vestimenta, calçado, alimentação, quem se esforça mais para trabalhar hoje em dia são os pais de família, tem que garantir o sustento da família* (Gr Assentamento).

A dimensão da disciplina, da submissão às normas requeridas pelo sistema produtivo, é reforçada nas falas a seguir: *o trabalho é importante porque o jovem começa a trabalhar para poder comprar sua*

vestimenta e com isso ele vai se formando, se formar em vários trabalhos, porque se ele sair daquele trabalho ele só sabe fazer aquilo e procura outro (Gr Periferia). Já outro ressalta a responsabilidade como base da disciplina - responsabilidade essa palavra é muito importante porque a pessoa tem que ter responsabilidade desde quando adolescente, porque não é só ir para o emprego, você tem que trabalhar, se esforçar cada dia pelo seu dinheirinho, e quem sabe vai crescendo. (Gr Periferia).

A estreita ligação entre a disciplina e o processo formativo propiciado pela prática cotidiana da atividade laborativa é posta em destaque - *é importante trabalhar com o objetivo de aprender, obtendo conhecimento, porque se ele for pensar só em comprar coisas... não vai crescer, não vai crescer nada na vida, tem que imaginar (Gr Periferia).*

Seguramente o aspecto mais realçado é mesmo a relação visceral entre trabalho e sobrevivência, a satisfação das necessidades humanas básicas, como comer, vestir, morar etc. *Ah! eu tenho vontade de trabalhar para possuir as coisas, vivo tão humilhada, se eu pedir um real para o meu marido ele me pergunta para o que é. E eu trabalhando, pegando no meu dinheiro, eu compro roupa, calçado para mim e meu filho, sem ter que me humilhar. (Gr Periferia).*

Assim, ao lado da luta pela sobrevivência, é forte a noção de que, pelo trabalho eles vão aprendendo a ter responsabilidade - *vendo os outros trabalhando, aí começa a perceber, a importância de formar uma família, ser uma pessoa digna e não ficar roubando por aí, como muitos fazem por influência dos outros, usando drogas. (Gr Assentamento).*

Estas falas indicam pelo menos duas dimensões suficientemente importantes para o jovens no que diz respeito ao mundo do trabalho: a primeira relaciona o trabalho como sobrevivência, pois, para conseguir o sustento (comida, moradia, lazer), há clareza de que o jovem tem de buscar alguma colocação no mercado de trabalho, que está cada vez mais difícil; a outra enfatiza a carga

moral e ética, ou seja, o trabalho é percebido como elemento formador da personalidade, pois, quem trabalha é sério e também responsável, e aquele não pertencente a esse grupo está à margem e não é digno de respeito.

Outro aspecto importante a ser é reportado à forma como o valor ao trabalho foi incorporado ao pensamento dos jovens. Isto ocorreu, fundamentalmente, no convívio familiar, quer dizer, trata-se de uma introjeção realizada no âmbito do grupo familiar e de vizinhança, possuidor de experiência de trabalho inteiramente voltada para a satisfação da sobrevivência.

Com efeito, os depoimentos dos sujeitos da pesquisa estão em concordância com a situação do jovem no contexto mais abrangente da sociedade brasileira, porquanto os estudos constata-ram que, com exceção de um pequeno segmento de mão de obra mais qualificada e mais valorizada, e, conseqüentemente, com maior garantia de emprego, uma ampla maioria de trabalhadores tem uma trajetória de trabalho regida pela insegurança, pela instabilidade, pela precariedade nos vínculos que estabelecem com o trabalho.

Questionados acerca da profissão que queriam seguir, os pesquisados destacaram em primeiro plano que gostam da área de Informática e a seguir, da área social (relacionada à forma de tratar com as pessoas). Eles realçam a ideia de que gostariam de fazer um curso profissionalizante, pela necessidade de conseguir o emprego, e que o curso de Informática possibilita a obtenção de um emprego digno, *um trabalho melhor pra nós, isso no futuro nos dará bons lucros*. (Gr Periferia).

Alguns jovens do meio urbano, destacam a possibilidade dos microempreendimentos como forma de realização profissional, conforme depoimento: *quem sabe no futuro ser dono da sua própria*

empresa, mesmo pequena, mas vai aumentando, vai crescendo, nem todo mundo nasce grande, de pouco você vai aumentando e vai se formando as estruturas da sua vida. (Gr Periferia).

Procuramos, então, aprofundar, buscando saber o entendimento que os jovens possuem acerca do cooperativismo. O aprendizado aparece na fala a seguir: *uma cooperativa é um grupo de pessoas que se juntam e formam uma pequena empresa, uma padaria, onde o lucro não é só para um é para todos. Com o lucro eles compram matéria-prima do pão e o que sobra reparte com eles, divide igual para cada um.* (Gr Periferia).

Em linhas gerais, a compreensão expressa por parte dos jovens sobre o cooperativismo é bastante técnica e apropriada. Eles explicam que tiveram a ideia de formar um grupo para montar uma cooperativa. Chegaram, inclusive, a delimitar área de atuação. Tratava-se de uma cooperativa de informática para trabalhar com digitação de textos. Só que, conforme destacam, ficaram de formar um grupo, mas não levaram o plano adiante. A razão principal que eles alegaram foi a seguinte: *era preciso um pouco de dinheiro e muita determinação, porque começar uma coisa e não levar à frente; numa cooperativa além da determinação, da confiança, precisa também a vontade de trabalhar* (Gr. Periferia).

Dando continuidade no grupo focal passamos a discutir a questão – se dependesse de vocês, o que escolheriam: ter um emprego formal ou trabalhar por conta própria, ter a própria empresa?

Uma parte preferiria ter a própria empresa – *o meu sonho mesmo é ser dono de empresa, poderia ser pequena, e o trabalho não é só importante por isso não... o trabalho é conhecer as outras pessoas, outras áreas de empresa. Você vai passando aquilo que sabe e aprendendo o que não sabe.* (Gr Periferia). Outro reforça – *eu preferia ter a minha empresa, porque trabalhar na empresa de outra pessoa você não tira muito lucro, porque desde o início que você foi de acordo, você ganha mais na sua empresinha.* (Gr Periferia).

Vale lembrar que estas formas disseminadas na sociedade contemporânea, enquanto mergulhada em uma crise de sociabilidade sem precedentes, e no aprofundamento das contradições inerentes a um modelo de acumulação destrutivo, se apoiam nas supostas saídas de superação da crise dentro do próprio sistema, fazendo ressurgir antigas formas de acumulação, já analisadas por Marx e Engels (1971).

Uma parcela dos sujeitos estudados, especialmente àqueles ligados aos assentamentos, também faz referência à *Economia solidária*, destacando o papel desta como estratégia de atuação dos segmentos menos privilegiados. Têm clareza de que a sociedade capitalista situa o trabalho acima do capital, tornando-se necessário fazer predominar a solidariedade sobre o individualismo e o ser humano por sobre os produtos e os fatores materiais.

Consideramos que os microempreendimentos realizados sob o enfoque da Economia solidária constituem um importante meio para o desenvolvimento da cooperação e da formação de comunidades. Os jovens enfatizam que as experiências de Economia solidária são importante, porque contribuem para a *organização dos assentados e a geração de renda para a população, precisamente na camada dos mais pobres*. (Gr Assentamento).

Convém deixar claro que estas experiências de organização da econômica popular surgentes nos grupos “mais pobres e excluídos constituem apenas um início extremamente precário e fraco, mas real, de formas econômicas solidárias nas quais o trabalho assume posições centrais” (RAZETO, 1998). Nesta óptica, o trabalho ocupa papel central, posto que, este é o único fator disponível, já que os outros fatores - meios materiais, tecnologias, capacidades de gestão, financiamentos - via de regra, são escassos. O fundamental é reconhecer a importância desta estratégia na reversão do empobrecimento e da própria situação do trabalho

e realçar que esta se realiza mediante, a ação das organizações populares, onde a gestão coletiva e a participação da comunidade ocupa lugar primordial.

Cabe ressaltar que a economia “globalizada” atual não é solidária, tampouco tem o trabalho como objetivo central. Ao contrário, analisando-a, percebe-se claramente o predomínio e, a centralidade do capital. O trabalho encontra-se em situação subordinada e periférica; pois é uma organização social onde predominam os interesses privados individuais, relegando para plano secundário tanto os sujeitos quanto relações de cooperação e solidariedade.

Um dos resultados desta organização da economia popular é expresso na quantidade e variedade de atividades econômicas, por meio das quais numerosos setores excluídos têm desenvolvem iniciativas pessoais, familiares, associativas e comunitárias as quais têm gerado uma economia bastante variada, e muitas vezes criativas, que possibilita à uma parcela da população satisfazer suas necessidades e abrir caminhos na vida. Desta perspectiva, os sujeitos da economia, ou seja, os trabalhadores, crescem e enriquecem, não apenas no plano material, pois os vínculos que os unem são alicerçados na reciprocidade, na ação interativa, na solidariedade. O enriquecimento do trabalho é condição para que este recupere o seu papel central, requer relações de cooperação, a valorização da experiência, enfim, o mundo vivido, no qual reside um dos pilares da Economia solidária.

Insistimos acerca de que significado tem o trabalho para os jovens, a eles, questionando quais dessas opções preferem: trabalhar em algo de que gostem e ganhando menos, aquilo de que não gostam, auferindo melhor.

As respostas mostram que, em relação a este ponto, não há consenso. As falas mais freqüentes foram - *eu preciso ganhar melhor, quero trabalhar para poder dar o sustento da família* (Gr Periferia); *se a gente está*

trabalhando tem que lutar para segurar o emprego. Se você escorregar já dá a vaga para outro, o dono vê que você não está querendo nada com o emprego. (Gr Periferia). Eu escolheria a que eu gosto, mas, um pai de família tem que escolher a outra... pra poder sustentar os filhos. (Gr Periferia).

Outros destacaram que o trabalho pode ajudar a construir um país melhor, fazer um Brasil melhor, porque os jovens de hoje são o futuro do Brasil amanhã (Gr Assentamento); ressaltam que se não for feita alguma coisa para mudar a situação, o "Brasil amanhã" não vai ser muito bom, porque tem muitos jovens na rua se prostituindo, usando drogas (Gr Periferia). Eles acham que muitas pessoas falam de exclusão, condenam a discriminação, mas, no dia a dia, excluem as pessoas, as prostitutas, os desempregados; há muita discriminação contra as crianças e os jovens que estão na rua. Há uma parte bastante realista que avalia - do jeito que a concorrência é grande no emprego fica difícil escolher o que é bom ou ruim; depende da necessidade (Gr Assentamento).

Aparece com clareza uma dimensão cara aos jovens de todos os grupos sociais - a noção de independência financeira como condição para a autonomia em relação aos adultos e à família - *eu acho que mesmo que a pessoa não precisasse de dinheiro, acho que ela deveria trabalhar, pois se a pessoa não trabalha é como um computador desligado, não serve de nada. (Gr Assentamento). Outro acrescenta - se eu fosse de uma família de classe média, eu não ia só viver em função dos meus pais, tinha que trabalhar para que no futuro; porque eles não iam viver para sempre. (Gr Periferia).*

Ao insistirmos mais uma vez sobre qual trabalho escolheriam - o de que gostassem mais e ganhassem menos ou aquele que pagasse mais, mas do qual não gostassem tanto. As respostas reforçaram as opiniões emitidas antes, mas deixaram claro, mesmos com alguns rodeios, que a escolha recairia naquele emprego, que pagasse melhor.

É perceptível nos discursos desses sujeitos a constituição de um mundo “ideal” onde eles possam fazer as próprias escolhas, contudo, eles não se deixam enredar pela armadilha do discurso, ignorando a dependência do imediato, ou seja, pressionados pela busca do imediato, os jovens vislumbram que a “escolha” não tem condições de recair sobre um trabalho que tenha mais relação com suas aspirações, e sim com a possibilidade de ganhar um pouco mais para satisfazer suas necessidades imediatas.

Por todas essas razões, consideram que o desemprego se encontra na raiz da exclusão econômica e social dos jovens, *porque gera muitos problemas, tais como: conflitos familiares, prostituição, criminalidade, drogas, fome.* (Gr Periferia). Daí decorre a necessidade de continuar os estudos para acompanhar a modernização e a tecnologia, senão a marginalidade se tornará ainda mais dramática.

- Algumas conclusões

Para rematar esta parte, cumpre ressaltar que o *locus* do estudo centrou-se na formação do jovem no campo e na cidade, tentando compreender sua socialização, seus saberes, como esses sujeitos entendem e/ou vivenciam os valores sociais; enfim, desvendar o que é real ou simbólico no processo formativo e de constituição da identidade desses sujeitos, com ênfase na contribuição dos valores concretizados mediante a ação formadora da família e dos grupos sociais juvenis.

No que concerne ao estudo da formação da juventude, especialmente os valores sociais, houve a preocupação de focar dois aspectos principais - por um lado, o ambiente rico em fenômenos relacionais; por outro, julgamos oportuno considerar que cada grupo tem características singulares.

Vale enfatizar o fato de que o cotidiano dos grupos de jovens é constituído por um corpo vivo de relações entre seus integrantes, simultaneamente econômicas, sociais, culturais e políticas. Penetrar esse rico tecido social requereu a utilização de múltiplos procedimentos de pesquisa, com destaque para as técnicas projetivas, como dramatização e teatro debate.

Os resultados deixam claro que, apesar dos limites impostos pela socialização oriunda do mundo sistêmico, o jovem, constitui de fato um ator social, que no seu cotidiano, não apenas reelabora os saberes, adquiridos na prática familiar e social, mas também contribui na formação da sociedade, haja vista que buscam a mudança social, expressa com a crítica, na contestação, na transgressão, mas também na criação e, sobretudo, na vivência de novos padrões democráticos.

Considerando os eixos principais da ação formadora, a família e os grupos sociais juvenis, bem como, seu contributo na constituição de valores, o ensaio privilegiou ainda, o papel dos jovens sobre *amizade, solidariedade, sociabilidade, participação social, o valor do trabalho para os jovens*.

Um aspecto que deve ser realçado diz respeito à preocupação verificada durante o processo formativo em condenar qualquer forma de discriminação. Ao longo da pesquisa, restou evidenciado que, os formadores trabalharam tentando conscientizar os jovens para enfrentar a discriminação.

Ao enfocar o trabalho, a problemática do desemprego aparece como um pesadelo, turvando os sonhos e a esperança da juventude acerca da suas perspectivas. A maioria dos sujeitos da pesquisa é da opinião de que o desemprego constitui sua maior preocupação. Explicam que, para eles, o trabalho é fundamental, pois fazem parte de um grupo social composto por pobres e pertencem a famílias que precisam da ajuda dos filhos. Esclarecem,

ainda, que devido à situação de pobreza, em invés de o jovem continuar na escola, tem que deixar de estudar para ajudar a família.

Em suma, o resultado da pesquisa evidencia que, os jovens buscam nas organizações juvenis, na parceria entre pares, a necessária cumplicidade para suas vivências cotidianas e, reafirmam ser este um espaço de sociabilidade, de encontro, de fortalecimento da identidade e dos valores sociais.

Por fim, recorremos ao pensamento socrático, trazido até nós por Platão, na sua famosa Apologia a Sócrates. Numa passagem célebre este grande mestre da Antiguidade, aponta as virtudes fundamentais e necessárias para a formação dos jovens em sua época, opinião que nos parece ainda bem atual. De acordo com sua visão de filósofo educador o que deve caracterizar a juventude é a modéstia, o pudor, o amor, a moderação, a dedicação, a diligência, a justiça, a educação, o trabalho. Decerto, são estas as virtudes (alicerçadas em valores) que devem formar o caráter da juventude; naturalmente complementadas com outros valores como liberdade e autonomia, que os jovens de hoje tanto almejam.